

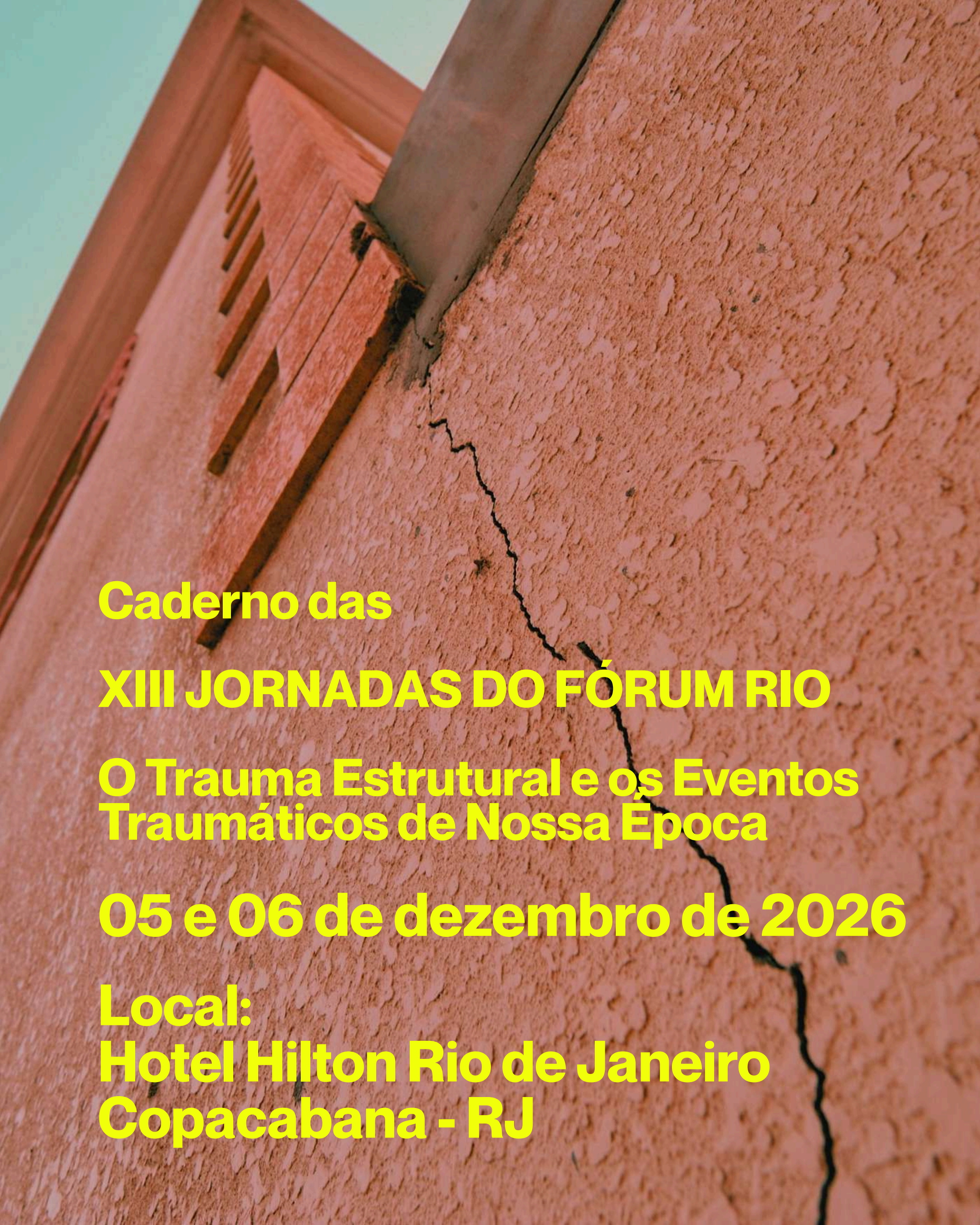


CADERNO XIII

JORNADAS

DO FÓRUM RIO

**O Trauma Estrutural
e os Eventos Traumáticos
de Nossa Época**



Caderno das

XIII JORNADAS DO FÓRUM RIO

**O Trauma Estrutural e os Eventos
Traumáticos de Nossa Época**

05 e 06 de dezembro de 2026

Local:

**Hotel Hilton Rio de Janeiro
Copacabana - RJ**

APRESENTAÇÃO



O TRAUMA ESTRUTURAL E OS EVENTOS TRAUMÁTICOS DE NOSSA ÉPOCA

O título das Jornadas do Fórum Rio de 2026, destaca o binômio – trauma estrutural / eventos traumáticos – para interrogar: para a psicanálise o trauma estrutural é da mesma classe que os traumatismos que o discurso contemporâneo produz?

O termo “trauma” tem origem no grego, que significa “ferida”, “lesão”, “dano”, e metonimicamente veio a indicar o evento que causou a ferida. O trauma é um dos nomes dados ao infortúnio, ao horror que assaltam o sujeito.

Nos discursos contemporâneos – político, social, econômico, médico, educacional, jurídico – e nas políticas de saúde, a lista dos traumas de nossa época é cada vez mais extensa: traumas de guerra, traumas terroristas, traumas políticos, traumas dos atentados sexuais, traumas das catástrofes químicas, traumas das catástrofes climáticas e pandêmicas. Com a guerra e o sexo o registro do Outro e de sua obscura vontade está implicado, mas as catástrofes naturais – inundações, erupções vulcânicas, tremores de terra – são o mais real do real na medida em que excluem o sujeito. Contudo, ainda existem as catástrofes ditas naturais – como por exemplo as tragédias climáticas – nas quais se coloca a questão das responsabilidades, estas devem ser designadas não somente como um desastre natural, mas também político, quando se constata negligência da gestão política, da ação humana.

Nos discursos fora da psicanálise o traumatismo é um dos nomes da tragédia quando ela vem de fora, sem que se possa imputá-la ao sujeito que sofre suas consequências. Imputa-se, e com razão, a um real na medida em que ele nos cai na cabeça, um real impossível de ser antecipado e modificado, um real que exclui o sujeito, um real que se encontra em relação ao qual o sujeito nada pode fazer, a não ser carregar suas sequelas.

No discurso psicanalítico, em um primeiro tempo na obra de Freud, o trauma se apresentou como advindo de uma causa exógena sob a forma de um acidente na história, algo contingente, que aconteceu de maneira accidental na vida; mas em um segundo tempo, o trauma passa a ser fantasmático. Desde os primórdios da psicanálise coloca-se em jogo posições éticas, se a ênfase for colocada na causalidade traumática da neurose, isso faz do sintoma o resultado de um acidente da história, de uma contingência da vida, na qual o sujeito é vítima do mau encontro. Sendo assim, quanto mais se acentua a causalidade traumática, mais se inocenta o sujeito. Mas de que responsabilidade estamos falando? De uma responsabilidade paradoxal de seus próprios sintomas, dos quais, ele, entretanto, sofre.

Observa-se assim, que o trauma generalizado não é simpático ao analista, justamente porque ele permite o sujeito negar a sua participação, sua implicação subjetiva no sofrimento.

Para a psicanálise, o evento traumático não determina, necessariamente, o trauma, só iremos saber se o evento traumático provocou o trauma a posteriori.

Desde os primórdios da psicanálise que Freud se debruça no conceito de trauma, mas em 1926, em “Inibição, sintoma e angústia”, sua tese sobre o trauma está fundada: “todas as neuroses são de origem traumática”, se o sintoma é o retorno do recalcado, o recalque é efeito da angústia, e a angústia, efeito da vivência de uma situação traumática de origem, estrutural, que depois se repete na forma de angústia sinal, no início era o traumatismo. Com a definição de trauma como uma situação de desamparo, Freud nos dá uma definição que pode ser aplicada não apenas ao trauma sexual original, estrutural, mas também a qualquer trauma da civilização de nossa época. A situação de desamparo conjuga o traumatismo sexual e os traumatismos que ameaçam a vida em geral, mas quando se trata da avaliação incluída na situação de perigo temos a presença do sujeito.

Por essa razão, podemos afirmar que não há tratamento-padrão possível para os traumatizados. Observa-se que nas sequelas que ficam após o trauma sofrido, há uma interpretação do real traumático, e essa provém do sujeito.

Nos anos de 1970, ao retomar o trauma sexual freudiano, Lacan formula – “não há relação sexual” – e introduz o neologismo “troumatisme”: trou (furo), traumatisme (traumatismo), o trauma é estrutural, o furo do Outro é o lugar de todo trauma.

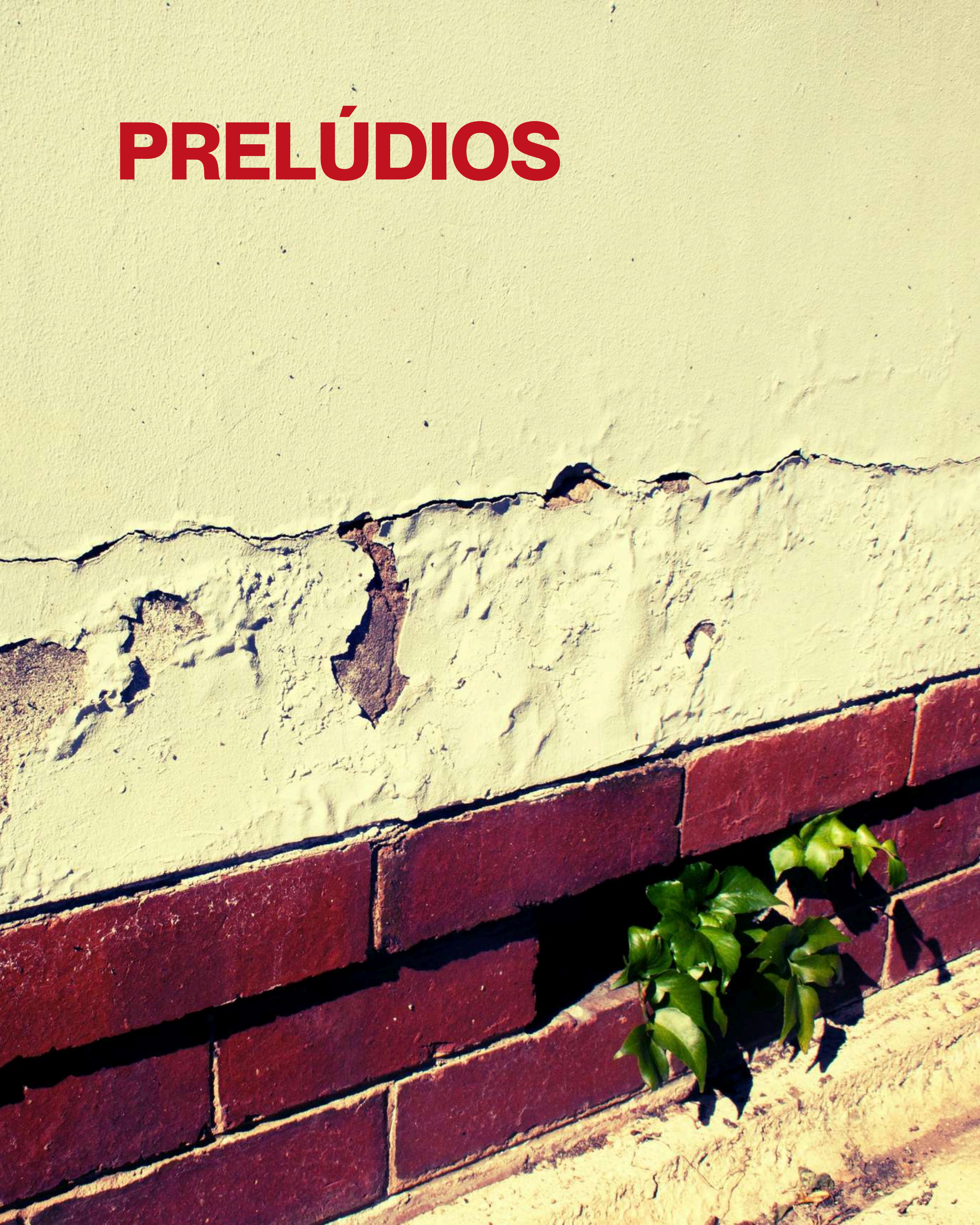
Cada traumatismo tem estrutura de real. Cada sujeito tenta se virar com o furo do Outro; a fantasia é um dos instrumentos para lidar com esse furo.

Por mais brutal que seja um encontro com o real, ele só pode ser traumático se houver uma participação subjetiva. Não é suficiente que algo lhe caia sobre a cabeça para que um pavor se instaure. Podemos dizer que o sujeito está implicado mesmo nos eventos traumáticos de nossa época, porque há dois componentes e dois tempos do trauma: o primeiro tempo – o do acontecimento, o do golpe do real –, momento de encontro com o real, que surge tanto nos encontros infantis originais como nos grandes traumas coletivos; o segundo tempo – o do só depois, o das sequelas – as repercussões do trauma para o sujeito variam conforme a leitura que ele faz do real. Sendo assim, podemos dizer que o trauma é do registro do real e as sequelas são do sujeito.

O discurso do analista mantém a sua posição ética quando se opõe ao discurso determinista que estabelece uma correspondência biunívoca entre a causa traumática e suas consequências sintomáticas. O discurso do analista se opõe a esta proposição porque considera que entre o trauma e as suas consequências sintomáticas há o inconsciente.

Glória Justo e Maria Helena Martinho
Coordenadoras das XIII Jornadas do FCL-RJ

PRELÚDIOS



PRELÚDIO I

**Traumas transgeracionais,
precisamos discuti-los**

por Vera Pollo

Não se discute o fato de que este século xxi tem sido um período de incidências traumáticas de todo tipo: a epidemia da covid-19, os genocídios perpetrados nos mais diversos continentes, a ameaça de uma guerra nuclear que já não parece tão distante, sem contar a proliferação de crimes racistas e feminicídios, em cujo ranking mundial o Brasil ocupa, vergonhosamente, um dos primeiros lugares. Em 2007, numa série de conferências proferidas em Medellín, Colette Soler chamava a atenção para a extensão das conjunturas traumáticas que iam das guerras às grandes catástrofes da técnica, como a de Chernobil, e às catástrofes da natureza, como os tsunamis, passando pela violência das grandes cidades e os crimes de abuso sexual.

No Brasil, foram igualmente traumáticos eventos como a tragédia do desastre ambiental de Mariana, em 2015, o desastre humano e industrial de Brumadinho, quatro anos depois, e o são, quase diariamente, as assim chamadas, não sem ironia, “operações da ordem” nas grandes “comunidades” do Rio de Janeiro e de São Paulo, durante as quais assassinam-se, sobretudo, jovens homens negros entre 17 e 25 anos. Quem não se lembra das palavras de Marcos Vinícius da Silva, de 14 anos!!! Morador do complexo da Maré, o adolescente, ao ser atingido por uma bala sarcasticamente chamada de “perdida”, mal teve tempo de dizer à mãe antes de morrer: “Será que ele não viu que eu estava de uniforme!?” Ele, quem? A polícia, claro.

A noção de trauma integra a doutrina psicanalítica desde os primeiros esboços teóricos de Freud, na vasta correspondência que manteve com Wilhelm Fliess e em “Projeto de uma psicologia” (1895). Suas diferentes menções ao trauma o tomam, desde o início, como um gozo sexual, experimentado, vivido, mas não elaborado. E o traumático é, sobretudo, um efeito correspondente à noção de Nachträglichkeit, isto é, à significação a posteriori de uma lembrança, uma marca, um significante. Para Ema, citada por Freud no texto do Projeto, era o significante “sorriso”, ele a punha a correr e ela pensava não saber por quê.

O longo percurso freudiano culmina na obra magistral **Moisés e o monoteísmo: três ensaios (1939)**, na qual, no item “A analogia”, de sua “Nota Preliminar ii”, pode-se ler cerca de dez parágrafos sobre a função e o valor do trauma, o que permite afirmar, sem nenhum receio que, ao contrário do que algumas vezes se diz, Freud jamais abandonou a teoria do trauma (Freud, 1939 | 1987: 90–9). A complexificou, é claro, mas jamais propôs que se analisasse separadamente o coletivo e o sujeito do individual (Lacan, 1945 | 1998: 213). Ali se lê por exemplo: “Uma menina que foi tornada objeto de sedução sexual na infância – hoje diríamos “que foi abusada” - pode orientar sua vida sexual posterior a constantemente deparar-se com ataques semelhantes (Freud, *ibid*:94).”

A psicanálise, com efeito, não apenas não inocenta o sujeito, como o responsabiliza por suas escolhas, ainda que estas possam ser “forçadas” (Lacan, 1964 | 1988: 205–9) Há de se considerar, conseqüentemente, que novos traumas podem surgir a cada dia, tanto na vida quanto na teoria. Hoje, encontramos com frequência analisantes que se põem a ler a posteriori situações precocemente vividas de discriminação e menos valia ligadas privilegiadamente à cor da pele. Há todo tipo de opressões de “gênero” e de “raça”, por vezes bem precoces, que incidem no espelho e na fantasia e

atravessam gerações, por acontecerem justamente nos momentos em que se estruturam, respectivamente, o “eu ideal” e a fantasia ou fantasma fundamental, este que, por um lado encobre o furo da falta de significante e de objeto - ou, se preferirmos, encobre a fenda do objeto-causa -, por outro, dá suporte ao sintoma como um modo singular de gozar do inconsciente.

Como bem sentenciou Franz Fanon ((1952 | 2020: 24): “para o negro existe apenas um destino. E ele é branco.” Na sequência, Neusa Santos Souza (1983:28), entre outros, lembrava que, em vez de narrar a história dos negros, o mito lhes inventa uma natureza e, na mesma medida – embora o branco também seja da ordem da invenção, aliás, contemporânea, em consequência do inevitável pareamento dos significantes – inventa a raça branca, ou, se preferirmos, a branquitude, que surge como o ponto zero da questão, e o ideal a ser perseguido” (Pollo, 2026: 39-40).

Precisamos discutir, entre outros, os “traumas raciais”, considerando que, como tudo que é da ordem do inconsciente, assujeitado à *Urverdrängung*, se torna transgeracional e observando que, bem de acordo com as conclusões de Freud (1939), há que se distinguir entre efeitos traumáticos “positivos” e “negativos”.

Há efeitos que estão na origem de uma certa tendência à repetição de novas experiências de menos valia, mas há, também, os que resultam sobretudo em inibições e sintomas cujo objetivo, diferentemente dos primeiros, é tentar em vão promover “esquecimento” do trauma. Tarefa simultaneamente necessária e inútil, e nos conduz à afirmação de Lacan de que “o inconsciente freudiano é ético e não ôntico” (Lacan, 1964 | 1985: 37). Nem humanista, nem utilitarista, a ética da psicanálise é real, precisa levar em conta que cada trauma, como cada sujeito, é sempre irrupção de gozo.

Lacan nunca descartou a afirmação de que “o significante representa um sujeito para outro significante”, mas mudou significativamente sua concepção do que é a linguagem. A princípio dita como equivalente ao significante ‘Simbólico’, em seguida classificada como da ordem do real, a linguagem seria explicitada por ele, tardiamente, como uma “elucubração de saber sobre la língua” (Lacan, 1972–3 | 1985: 187–201), campo de incidência da fala sobre o corpo e onde ocorre a coalescência dos significantes e da carne. La língua é também um saber inconsciente, muitas vezes independente do sujeito que o veicula; “algo que fica indeciso entre o fonema, a frase e até o pensamento todo” (: 196), ou “o sedimento, o aluvião, a petrificação que é marcada pelo manejo, por parte de um grupo, de sua experiência inconsciente” (Lacan, 1974 | 2022: 34).

Podendo, então, ser definido como “saber lidar com a língua” (Lacan 1979 | :189-190), percebe-se que o inconsciente é, de fato, potencialmente traumático, pela sobreposição entre o individual e o coletivo, e pela produção do sintoma como um acontecimento de corpo.

Vemos, assim, uma série de temas que hoje, mais do que nunca, interrogam o psicanalista no dia a dia de sua prática e na cena pública, ou seja, no real diante do qual ele não deve recuar, pois, se desejar seguir a orientação que Lacan havia proposto, por exemplo, para a clínica da psicose, o/a psicanalista não deve recuar. E, em se tratando de traumas, não deve fugir às urgências de sua época.

Referências

FREUD, S. (1895) “Projeto de uma psicologia” [“Projeto para uma psicologia científica”]. Tradução de José Luís Meurer revista por Vera Ribeiro. In: Edição Standard das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.1. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987, p.303-420

..... (1939) Moisés e o monoteísmo: três ensaios [1934-8]. Tradução de José Otavio de Aguiar Abreu. In: Edição Standard das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII

LACAN, J. (1964) O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, 2a ed.

..... (1972 -3) O Seminário livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, 2a ed.

----- (1974) “A terceira” [Intervenção no VII Congresso da École Freudienne de Paris, Roma, 1o de novembro de 1974]. In: A terceira. Teoria da língua. Tradução de Teresinha N. Meirelles do Prado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2022, p.9-62.

SOLER, C. (2007) De um trauma ao Outro [5 a 7 de setembro de 2007]. Tradução de Cícero Alberto Andrade de Oliveira. São Paulo: Blücher, 2021.

PRELÚDIO II

O golpe do Real

por Bela Malvina Szajdenfisz

Século XXI: estamos “na era dos traumatismos”.

A psicanálise nasce em fins do século XIX e início do século XX, de uma experiência com o trauma. Confrontado com os sintomas das histéricas, Freud desloca o trauma do campo do acontecimento puramente factual para o campo da realidade psíquica. O trauma sexual, inicialmente concebido em sua relação com a experiência vivida, passa a ser interrogado a partir de seus efeitos no inconsciente.

Após a Primeira Guerra Mundial, a questão do trauma retorna sob novas formas, colocando, em primeiro plano, aquilo que insiste, que se repete e que não se deixa simplesmente tomar pela experiência consciente. “O traumatismo impõe-se em uma temporalidade de ruptura: o sujeito não tem nele a mínima parte. Isso lhe cai em cima. É uma temporalidade de instante [...], um instante que engendra algo, uma perpetuação” (Soler, 2004, p. 55).

Em seu rigoroso percurso, Freud chega à formulação de Além do princípio de prazer (1920[1919]), onde a repetição e a pulsão de morte introduzem uma dimensão que ultrapassa a busca pelo prazer. Algo do trauma toca o que não pode ser inteiramente simbolizado. E é justamente esse o ponto que a psicanálise se distingue de uma concepção do trauma reduzida ao acontecimento externo.

Colette Soler, em De um trauma a outro (2007/2021), retoma essa questão ao distinguir o trauma constitutivo, ligado ao sexual e à própria entrada do sujeito na linguagem, dos traumatismos contingentes, relacionados aos acidentes da história, tanto individuais quanto coletivos. O contemporâneo nos confronta diariamente com esses acontecimentos que irrompem de maneira inesperada, produzindo efeitos que podem desorganizar profundamente a relação do sujeito com seu corpo, com o outro e com o mundo.

Mas será que o trauma ao qual a psicanálise se refere é da mesma ordem dos traumatismos que o discurso contemporâneo produz? Como inventar uma saída para livrar-se desse sofrimento? Quais as armas da psicanálise necessárias diante das conjunturas atuais da angústia? Qual é a incidência do sujeito contemporâneo nesses novos traumatismos? E como esses acontecimentos se articulam aos discursos que regulam os laços sociais e a subjetividade?

A psicanálise nos ensina que o trauma não vai sem o Outro. Do mesmo modo, a angústia não é sem objeto. O trauma supõe a incidência do gozo sobre o parlêtre, o ser falante que se encontra submetido aos efeitos da linguagem. O gozo introduz perda, fragmentação e parcialidade. A linguagem ordena aquilo que pode ser ordenado, mas há sempre um resto que escapa.

Lacan, em O seminário, livro 10: A angústia (1962–1963), situa a angústia em sua relação com o objeto a, fazendo dela um afeto privilegiado para pensar o encontro do sujeito com aquilo que escapa à simbolização. A angústia não engana. Ela comparece quando algo da falta, que sustenta o desejo, vacila. Talvez seja justamente por isso que a angústia se apresenta de maneira tão contundente na clínica contemporânea.

É possível que uma das marcas do nosso tempo seja justamente a dificuldade de sustentar a falta.

Essa lógica pode adquirir novas configurações para o sujeito, como convocado a fazer de si mesmo uma espécie de produto, a expor sua imagem, seu corpo, sua vida e sua existência. Ao mesmo tempo, os semblantes que organizavam os laços sociais, parecem perder consistência. Desfazem-se referências. Fragilizam-se os laços. O outro pode aparecer menos como parceiro e mais como ameaça, concorrente ou objeto. E, quando as coisas do amor deixam de operar como possibilidade de laço, deparamo-nos com o desafeto, o ódio, as agressões e a vingança. Surgem as atrocidades, as discriminações e a repetição das disparidades. Os traumatismos se multiplicam. E a angústia comparece.

Mas a psicanálise não responde ao trauma oferecendo simplesmente uma reparação ou uma adaptação do sujeito ao mundo. Seu campo é outro. A psicanálise procura escutar aquilo que, no acontecimento traumático, diz respeito ao sujeito; aquilo que se escreve, aquilo que não se escreve, e o que retorna. Isso não significa responsabilizar o sujeito pelo acontecimento que sofreu. Significa perguntar por sua posição diante do que lhe aconteceu. Essa distinção é fundamental.

Entre o acontecimento e o sujeito há um campo a ser escutado. É nesse campo que a clínica psicanalítica se situa. Mas, como escutar o sujeito quando aquilo que o atravessa não encontra palavras?

Como escutar a angústia sem reduzi-la a um diagnóstico? Como distinguir o trauma constitutivo dos traumatismos contingentes? Pode-se escutar o trauma coletivo sem apagar a dimensão singular de cada sujeito? Como sustentar a responsabilidade subjetiva sem transformar responsabilidade em culpabilização? E, sobretudo, como fazer do trauma não apenas o nome de uma ruptura, mas também uma questão para o desejo?

Talvez seja essa a aposta da psicanálise: não eliminar o impossível, mas criar condições para que cada sujeito possa inventar uma maneira singular de fazer com aquilo que não pôde evitar. E, se estamos, de fato, na era dos traumatismos, talvez seja justamente por isso que precisamos renovar a pergunta sobre o trauma. Não para fechar seu sentido, mas para abri-lo à escuta.

Referências

FREUD, Sigmund. (1920[1919]) Além do princípio de prazer, Psicologia das massas e outros trabalhos. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago editora, 1976.

FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 10: a angústia (1962–1963). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SOLER, Colette. Trauma e fantasia. Stylus: Revista de Psicanálise, Rio de Janeiro, n. 9, p. 45–59, out. 2004.

SOLER, Colette. (2007). De um trauma ao Outro. Tradução de Cícero Alberto de Andrade Oliveira. São Paulo: Blucher, 2021.

PRELÚDIO III

"Viver é muito perigoso..."

por Rainer Melo

"Viver é muito perigoso..." é uma das frases mais célebres da literatura brasileira, retirada do romance Grande Sertão: Veredas de Guimarães Rosa (1956). O significado da frase do personagem Riobaldo é de que a existência humana é uma travessia cheia de incertezas e riscos, conflitos, preconceitos, guerras, pandemias; enfim, toda sorte de situações traumáticas. E Riobaldo conclui: "aprender a viver é o que é o viver".

Fala-se muito dos traumas causados pelo surgimento do coronavírus (SARS-CoV-2) e da Covid-19, que provocaram a pandemia global, assim como por terremotos, incêndios, inundações, guerras, assassinatos e tantos outros acontecimentos que poderiam deixar o sujeito “traumatizado”. Pergunto: isso é trauma? Para Freud e Lacan, o que é trauma? Otto Rank, em *O Trauma do Nascimento* (1924), afirma que o nascimento é o primeiro trauma do ser falante. Freud o via apenas como matriz da angústia. Essa divergência marcou o fim da relação entre Freud e seu discípulo. Na *Teoria da Sedução* (1897), Freud apontava o trauma como consequência de um abuso sexual real. Em *Além do Princípio do Prazer* (1920), passa a concebê-lo como um choque violento ao ego, diante do qual a mente tenta dominar o estímulo por meio da compulsão à repetição. Em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926[1925]), reformula sua teoria da angústia e define o trauma como excesso econômico de excitação. A inibição funciona como restrição funcional do eu para evitar o conflito e o reviver do trauma; o sintoma atua como substituto de uma satisfação pulsional; e a angústia serve como sinal de alerta para que o eu se defenda. Em *Moisés e o Monoteísmo* (1939), Freud articula o trauma ao indivíduo, à história e à cultura. Lacan sustenta que trauma e Real estão ligados, pois o Real é “apresentado do que nele há de inassimilável – na forma do trauma” (LACAN, J. 1964:57).

O trauma é Real, mas se apresenta fantasiado. O que torna um acontecimento traumático é a fantasia que o sujeito constrói a partir dele. A fantasia vem antes do sintoma e, por isso, determina-o. O sujeito se pergunta: o que o Outro fez de mim? (trauma); e o que faço a partir disso, ou seja, com isso? (fantasia). O traumatismo sexual implica um primeiro encontro com o gozo que deixa a marca de uma satisfação Real. No Seminário 20, Mais, ainda (1972/1973), Lacan trata do Real de lalangue e do encontro contingente com o Real. O choque da linguagem, o trauma, não se resume a um acontecimento acidental ou externo, mas decorre da imposição da linguagem sobre o corpo do ser falante (parlêtre). O sujeito já nasce traumatizado de forma estrutural, pois precisa se enquadrar no Campo do Outro e na cadeia significante.

No RSI (1974/75), Lacan afirma que a função do pai concerne à castração. O lugar do pai na procriação é efeito significante. O sintoma encontra-se no campo do Real e possui duas vertentes: uma no Simbólico, pela linguagem, e outra no Real, pelo trauma. O sintoma produz-se no campo do Real e é efeito do Simbólico no Real (LACAN, J. RSI, 10/12/1974). A angústia parte do Real. O Real não pode ser reduzido à realidade concreta: é indizível e sempre retorna ao mesmo lugar.

O Real atropela o sujeito e é traumático. A introdução do neologismo troumatisme, por Lacan, redefine o trauma.

Ele deixa de ser mero acidente biográfico infantil e passa a ser compreendido como estrutural e intrínseco ao sujeito. A fusão de trou (furo) e traumatismo indica que o Simbólico é incapaz de recobrir totalmente o Real. O verdadeiro traumatismo estrutural é o encontro com a língua, lalangue, que deixa um furo inassimilável no corpo e na estrutura do sujeito, produzindo uma irrupção de gozo que escapa ao sentido.

No Seminário 23: O Sinthoma (1975/1976), Lacan afirma que o traumatismo da língua desfaz ou afeta a consistência da estrutura do nó borromeano. O caso de James Joyce demonstra como o sujeito responde ao traumatismo por meio de uma amarração peculiar. Em Joyce, o traumatismo estrutural se expressa na forma como o Imaginário se desata do corpo. A estrutura deste troumatisme é então sustentada pelo Sinthome, o quarto anel que remenda o furo e impede o desmanche.

Referências:

FREUD, Sigmund. Moises e o Monoteísmo: três ensaios. (1939[1934-1938]). Vol. XXIII. Rio de Janeiro. Imago Editora, 1980.

FREUD, Sigmund. Além do Principio de Prazer (1920). Vol XVIII. Rio de Janeiro. Imago Editora, 1980.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia (1926 [1925]). Vol. XX. Rio de Janeiro. Imago Editora, 1980.

LACAN, Jacques. O Seminário 11 Os Quatros Conceitos Fundamentais da Psicanálise (1964:57). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, Jacques. O Seminário 20 Mais, ainda (1972/1973). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. O Seminário 22 RSI, (1974/1974), Inédito.

LACAN, J. O Seminário 23 O Sinthoma, (1975/1976). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2007.

COMISSÕES

Coordenação das Jornadas:
Glória Justo
Maria Helena Martinho

Comissão Científica:
Consuelo P. de Almeida (Coordenadora)
Elisabeth da Rocha Miranda
Glória Sadala
Maria Vitória Bittencourt
Sheila Abramovitch
Vera Pollo

Comissão de Organização:
Rosana Maldonado (Coordenadora)
Francisco de Assis
Geísa Freitas
Lucas Bittencourt
Luís Gamma
Renata Sales

Comissão de Divulgação:
Igor Coelho (Coordenador)
Alexandre Marzullo
Elvina Maciel
Larissa Fonseca
Patrícia Batitucci

Comissão de Festa:
Luciana Torres (Coordenadora)
Ana Cristina Valente
Fernanda Peregrino
Joana Lima Silva
Maria Pinto
Yara Lemos

GALERIA DE ARTES

